

Baixo-relevo do seculo XIV

É notavel geralmente na Europa, e mais em particular em Portugal, a imperfeição da esculptura durante a edade média.

Os esculptores, da mesma sorte que os pintores, esmeravam-se na delicadeza e na minuciosidade dos ornatos; abriam com mão larga no marmore maravilhas de paciencia, e apuravam-se por extremo em todos os lavores accessorios que cinzelavam na dureza da pedra, como se entalhassem madeira ou modelassem argilla. Não sobresaíam, porém, senão n'estes primores, que eram só para se verem de perto, e cada um de per si; ficava-lhes acanhado e sem perspectiva o desenho geral dos grupos; não sabiam animar as figuras, e nem ao menos dar-lhes boas proporções e attitudes naturaes. Ora, nas bellas artes, por maior que seja a excellencia do trabalho parcial, não chega a compensar nunca a falta da graça e da elegancia do todo, que realçam e distinguem as obras da natureza.

O espirito da epocha obstava, por mais de um motivo, ao desenvolvimento da estatuaria, que a antiguidade elevára a subido grau de perfeição.

A architectura dominava com indisputavel soberania. Favorecida, opulentada, e, por assim dizer, identificada com o feudalismo, parecia tomar-lhe até a feição caracteristica, escravisando a esculptura, tão sua irmã, á luz da arte, como os servos da gleba o eram dos senhores feudaes, conforme a letra do Evangelho. Em quanto a primeira erguia á christandade templos grandiosos, que disputavam primazias aos da Grecia e Roma, a segunda servia-lhe de humilde auxiliar, sem existencia independente, e reduzida a ornar porticos, tumulos e altares.

Por outra parte, o espiritualismo christão prestava-se muito menos a aperfeiçoar os esculptores que o polytheismo greco-romano. A idéa da divindade, desprendida das fórmas materiaes em que os antigos a encadeiavam, não carecia, a fim de parecer grande, de ser representada pela belleza corporea. Aos gregos bastava que os deuses fossem similhantes aos homens physicamente mais perfeitos. Aos artistas da edade média pouco importavam os attributos materiaes, e, enlevados pelo genio do christianismo em mysticas contemplações, abstrahiam-se do estudo das fórmas humanas, sem o qual os esculptores da antiguidade não teriam produzido as suas obras primas.

Em Portugal, além d'estas causas geraes, concorreram outras para a imperfeição da estatuaria. As guerras continuas que por alguns seculos se seguiram á fundação da monarchia; depois as emprezas maritimas, muito maiores do que promettiam as forças da nação, obstaram a que se desenvolvesse o gosto artistico, e a que se formassem escholas de architectos e de esculptores, como na Italia e na Allemanha. Os reis, os prelados e as ordens religiosas soccorriam-se aos artistas estrangeiros, e muitas vezes aos moiros da Andaluzia, onde as artes floresciam com grande superioridade em relação aos demais estados da peninsula. Todavia, na estatuaria nenhum auxilio podiam estes prestar aos portuguezes, por ser, segundo a lei de Mafoma, peccado abominavel a representação de figuras de homens ou de animaes.

Não admira, pois, que appareçam defeitos e disformidades na maior parte dos nossos antigos monumentos de esculptura, a qual ficou sempre muito áquem da architectura, ainda nos reinados de D. João I e de D. Manuel, em que esta arte mais se aperfeiçoou e desenvolveu. Facilmente se convencerá o leitor do que dizemos, examinando não só a gravura que illustra este artigo, mas outras muitas publicadas em varios volumes do *Archivo*. Citaremos em particular as que

representam o tumulo de Egas Moniz [1], o de D. Vetaça Lascaris [2], o de D. João I e D. Filippa [3], o de João das Regras [4], e, finalmente, o baixo-relevo da Misericordia de Lisboa, obra del-rei D. Manuel [5].

Alludimos já n'este jornal ao monumento de que mais circumstanciadamente tratâmos agora [6]. Descobriu-se ha alguns annos entaipado n'uma parede do claustro do convento de S. Francisco, onde serviu de memoria sepulchral. É todo inteiriço, de marmore branco, e tem 1m,23 de largura, 0m,94 de altura e 0m,23 de espessura. Representa em mais de meio relevo a Annunciação de Nossa Senhora. As figuras são toscas. Outras ha em Evora contemporaneas muito menos imperfeitas. Taes são o apostolado do portal da sé e os quatro evangelistas, em tudo similhantes, que estão nos angulos do claustro. São obra do mesmo seculo XIV, a qual mandou fazer o bispo D. Pedro IV. Apparece diversidade similhante nas esculpturas do tempo de D. Manuel, o que tudo prova que foram varios artistas, talvez de nações differentes, os que em cada epocha trabalharam em Portugal.

Na parte inferior do baixo-relevo lê-se em caracteres gothicos: *Aqui jaz Ruy Pires Alfageme, frade da terceira ordem. Era* 420. A fita que o anjo segura nas mãos contém o seguinte nos mesmos caracteres maiusculos: *Ave Maria gratiæ*... No livro aberto entre as duas figuras lê-se em gothico minusculo: *Ecce ancilla domini fiat mihi*... Junto do livro está um vaso com a açucena, que mal se distingue no fundo do baixo-relevo, e por isso não apparece na gravura.

O claustro de S. Francisco foi edificado no anno de 1376 por Fernando Affonso de Moraes, commendador de Montemór. O baixo-relevo foi esculpido seis annos depois em 1382, que corresponde á era de Cesar de 1420.

Sendo bibliothecario da bibliotheca publica de Evora o sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara no tempo em que se descobriu este interessante monumento, fez com que se transportasse para aquelle edificio, a fim de que se não viesse a perder nas ruinas do claustro. Em dezembro do anno passado foi removido, com as demais lapidas que se conservavam na bibliotheca, para o templo de Diana, onde se guardavam já algumas outras. Juntaram-se-lhes treze pedras que vieram de Beja, as unicas que restavam do museu de que nos temos occupado e continuaremos a occupar n'este jornal.

Com auctorisação do governo de sua magestade, e de accordo com a camara municipal de Evora, démos assim principio a uma collecção archeologica, que já hoje contém uns cincoenta exemplares, e que é susceptivel de grande augmento, se não achar sómente indifferença da parte das pessoas a quem, por todos os titulos, merece consideração.

A. Filippe Simões.

[1] Vid. pag. 273 do vol. II.
[2] Vid. pag. 325 do vol. IX.
[3] Vid. pag. 224 do vol. VIII.
[4] Vid. pag. 120 do vol. VI.
[5] Vid. pag. 225 do vol. IV.
[6] Vid. pag. 19.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Conclusão. Vid. pag. 304)

XIV

Suppoz-se por muito tempo no Minho, e appareceu algures impresso, que os pescadores da Povoa de Varzim eram tão supersticiosos, que as mulheres nas occasiões de temporal, querendo implorar o auxilio do santo ou dos santos de suas devoções, para livrar os barcos dos maridos da voragem do Oceano, dirigiam imprecações absurdas e extravagantes, como um povo selvagem poderia fazel-o ante os mais ridiculos idolos.

Por esta razão se contava que as mulheres do povo, em taes apuros, se encaminhavam para a capella de S. José, e ahi, apedrejando ao mesmo tempo este santo, de tanta devoção para ellas, diziam: «Acorda, S. José, acorda! Santo de... Dá-me conta do meu homem, ou do meu filho, S. José!» E outras coisas.

Não é assim, todavia. O que é certo é que não só as mulheres do bairro de S. José, mas tambem as do bairro da Lapa (cuja capella está na entrada da barra, como se vê na gravura a pag. 173), nos momentos de suprema angustia, quando as vagas iradas e espumantes parece atirarem á praia em cada rôlo um cadaver; n'esses momentos, dizemos, as pobres mulheres revelam a afflicção que as atormenta povoando as areias e o Oceano com tristes exclamações e dolorosas preces.

E isto é natural.

Ai das mães, das esposas, das filhas ou das amantes, que não estremeçam, e ás quaes não assomem lagrimas aos olhos, quando entrevejam os filhos, os maridos, os paes ou os amantes, n'um perigo imminente em lucta com a procella!

A este respeito transcreveremos o periodo de uma carta do sr. Monteiro Junior, em que elle nos refere o seguinte:

«Acerca das imprecações das mulheres do povo, por occasião de temporal, em que se tem fallado e não é exacto, direi que a verdade é que em similhantes occasiões as mulheres dos pescadores invocam os santos da sua devoção. As do bairro de S. José vão para a porta da capella d'este santo, dizendo: «S. José, governae-os! S. José, ponde-vos ao leme! S. José, conduzi-os para terra a salvamento!» As do bairro da Lapa, defronte da entrada da barra, onde então o perigo é mais imminente, dizem: «Senhora da Lapa de Fóra (cuja imagem está em frente do mar no exterior do templo da Lapa ou Assumpção), trazei-os em boa hora! Senhora da Lapa de Dentro (imagem que está de um dos lados do altar-mór), trazei-os a salvamento! Mãe de Deus, soccorrei-os! Mãe de Deus, valei-lhes! Chagas abertas, coração ferido, sangue de meu Senhor Jesus Christo, ponde-vos entre elles e o perigo [1]!»

XV

As festas a Santo Antonio, a S. João e a S. Pedro são, como em outra parte dissemos, geraes e populares em todo o reino. Quem vive aqui em Lisboa e nunca visitou essas provincias portuguezas, mal sabe o que vae por ellas, e não está no caso de bem conhecer e apreciar o grau de enthusiasmo com que o povo celebra os ditos santos, ou, antes, mal póde avaliar a singularidade com que em algumas terras de Portugal se exercitam em certas praticas, porque é bem certo que cada terra tem o seu uso...

Fallámos como testimunha de vista. O que se presenceia nas Beiras e no Minho, em certos dias festivos, em que o povo ri, dansa e canta á vontade, em que as familias se reunem e congraçam, e em que os rapazes e as raparigas se abraçam e osculam, não ha téla em que se pinte, nem papel em que se descreva.

Dar idéa dos usos ou costumes populares não será difficilimo, e muitos o tem feito plausivelmente; patentear, todavia, com as mais vivas côres esses usos, dal-os com o necessario realce, mostral-os com a ingenita poesia que os caracterisa, é coisa, em o nosso humilde entender, que se não póde fazer com os mais habeis pinceis, nem com a mais bem aparada penna.

Vê-se e sente-se a poesia do povo, mas com difficuldade se representa.

N'este presupposto, não podêmos descrever, como

[1] No *Almanach de lembranças* para o anno de 1859, encontram-se, nas pag. 332 e 333, tres documentos concernentes ao facto que referimos no texto.

desejáramos, os folguedos populares na Povoa de Varzim, quando a folhinha reza dos queridos santos Antonio, João e Pedro; porém, como fieis chronistas, daremos singelamente uma noticia d'esses festejos, e os que possam ou queiram venham depois dar-lhe, porventura, lustre e relevo com estilo elevado, que não temos, ou com guindada escriptura, que não nos apraz imitar.

Apesar de ser Santo Antonio o que primeiro vem no mez de junho, e apesar de ser o desejado pelos rapazes e raparigas, que o tomam por desvelado protector de casamentos, succede que o mais enthusiascamente celebrado em todo o reino —e não sabemos por que motivo— é o S. João.

Na Povoa de Varzim, não obstante ser terra de pescadores, que deviam dar a primazia a S. Pedro, acontece outro tanto. Os tres santos populares alli tem, com effeito, fervorosos devotos, e abundancia de alegrias e folgares, mas o preferido é o S. João.

N'esse dia todas as classes se divertem. Nas lojas arma-se um throno com a imagem do santo, e na vespera á noite accendem-se fogueiras em frente das portas.

Vão, todavia, mais adiante os pescadores. Defronte das suas casas levantam um pinheiro verde, cujos ramos, presos ás janellas visinhas, são vistosamente embandeirados com bandeiras e lenços de côres. A este uso se refere a seguinte quadra que alli se canta:

Sentemo-nos, raparigas,
À sombra d'este pinheiro;
Ha um anno já que esp'ramos
O S. João verdadeiro.

A pequena distancia do pinheiro accende-se uma fogueira, e em volta se compõe uma dansa, que não sabemos que exista em outra terra do Minho. Chama-se a esta dansa *dos solteiros*, porque n'ella só entram rapazes e raparigas, em numero de trinta ou quarenta, formando quinze ou vinte pares. Os que tem de entrar na dansa vem uniformisados, assim de um como de outro sexo, e os trajos são originaes. As raparigas trazem collete encarnado e camisa branca, sem jaqueta nem roupinhas, e sáia branca; na cabeça e nos hombros lenço branco; e ou vem descalças, ou resguardam os pés em pequenas chinellas de cabedal preto. Os rapazes trajam tambem collete encarnado sobre camisa branca, calça branca, faxa encarnada a tiracollo da direita para a esquerda, cinta encarnada (e isto é para os mais garridos), chapeo de palha ou barrete vermelho posto a direito (como ás vezes se vê nos campinos do Ribatejo), e tendo enrolado um lenço branco em fórma de fita; e chinellas de cabedal amarello, quando não trazem os pés nus como as suas interessantes companheiras.

Figurae agora estes trinta ou quarenta pares em duas linhas separadas, os do sexo feminino defronte dos do masculino, avançando, pulando ora n'um, ora n'outro pé, recuando, e entoando quadras em que mostram desejos de que se encapelle o mar para que não afaste d'aquelles folguedos os rapazes da villa:

Ó meu S. João Baptista,
Dae sardinha em demasia,
Mas ao vir a vossa vespera,
Mandae ao mar maresia;

ou em que procuram exaltar o santo do dia:

Alegrae-vos, raparigas,
E mais toda a nossa gente,
Que S. João está no ceo
Gozando gloria eminente.
  Raparigas, cantae a victoria,
  Pois S. João está na gloria;

ou outros versos allegoricos, cujos estribilhos são repetidos em côro quando as linhas dos dansantes avançam ou recuam; e tereis feito idéa d'este singular uso dos póveiros.

O acompanhamento para taes dansas e descantes compõe-se de violas, rebecas e pandeiros; e, diga-se com verdade, pelo que respeita a harmonia, nem sempre se presta culto á deusa Euterpe.

Nas vesperas de Santo Antonio e S. Pedro as festas são mais limitadas; nem d'ellas participam todas as classes, nem se fórma a dansa dos solteiros, nem se levanta e embandeira o pinheiro verde, nem se accende numero tão abundante de fogueiras.

A alegria, no entretanto, reina desafogadamente; os rapazes e as raparigas dansam e cantam ao som rouco de uma coisa a que chamam tamboril (instrumento feito de pelle de peixe esticada na boca de algum cantaro quebrado!), para testimunharem que tanto lhes valia pularem nas areias da Povoa de Varzim como nas margens de Biscaya, e que sería indifferente exaltar as virtudes de Santo Antonio na lingua dos lusos ou no idioma vasconso.

Quereis cantar, raparigas,
Uni-vos ao regimento;
P'ra festejar Santo Antonio
Não falta divertimento.
  Festejemos com alegria
  Santo Antonio n'este dia.

Ó meu padre Santo Antonio
Com Deus Menino ao peito,
Pedi ao vosso Menino
Que nos livre do mal feito.
  Festejemos com alegria
  Santo Antonio n'este dia.

Isto é ao santo casamenteiro. Na vespera e no dia de S. Pedro ha mais enthusiasmo, sobre tudo entre os pescadores, mas ainda não é esta a festa religiosa d'elles. A sua piedade e devoção reserva-se mais particularmente para Aquella, cuja protecção imploram no momento do perigo todos os mareantes, e que a egreja celebra no dia 15 de agosto.

Posto que se não reproduzam, como dissemos, os folguedos e divertimentos da vespera de S. João, devemos notar a circunstancia de que as quadras que se cantam na vespera de S. Pedro são, para nós, mais engraçadas. Quasi todas alludem aos labores da pesca, como as seguintes que damos para amostra:

Nas praias da Galiléa
Andava o nosso S. Pedro
A lançar a rede ao mar,
Sem ter confusão nem medo.
  Vêde, raparigas, vêde
  Como o santo lança a rede.

Andava o nosso S. Pedro
E os mais da companhia,
Já meio descoroçoados
Pela pouca pescaria.
  O peixe que a rede dava
  Nem só p'ra elles chegava.

Appareceu o Senhor
Áquella sociedade,
Mandou-lhes lançar a rede
Á direita de Deus Padre.
  Á mão direita a lançaram
  E muito peixe caçaram.

Foram-se a alar as redes,
E tanto peixe malhou,
Que só metade da rede
O barquinho carregou.
  Torce rede, eia safar,
  E a terra descarregar.

S. Pedro desde pequeno
Foi marinheiro do mar,
E agora já tem as chaves
Do paraiso real.

A quem daremos as chaves
Da nossa embarcação?
Dal-as-hemos a S. Pedro,
Que nol-as traga na mão.
Festejemos com alegria
A S. Pedro n'este dia.

Estamos a 15 de agosto. N'este dia celebra-se com pompa a festividade de Nossa Senhora da Assumpção, sob cuja invocação os pescadores compozeram a sua irmandade, conforme dissemos a pag. 197 d'este semanario, quando tratámos da capella da Lapa.

A irmandade dos pescadores, além da solemnidade da manhã, sae á tarde em procissão de triumpho com diversos andores muito vistosos e bem adornados, sendo o ultimo aquelle em que se apresenta a bella imagem da indicada Senhora da Assumpção.

Os pescadores moços, pela maior parte solteiros, que tem que ir na procissão, trazem n'esse dia ao peito, como elles dizem, «em signal de luxo e consideração», um raminho de odorifera alfavaca, symbolo, conforme alguns, de tristeza e misanthropia.

Ora a procissão, no seu regresso, vae pela beira-mar; e, quando tem de descançar os que levam os andores, voltam estes com a frente para o Oceano, como se quizessem supplicar aos santos, cujas imagens alli conduzem em triumpho, que intercedessem por elles para que as aguas fossem menos perigosas e mais copiosas em peixes.

Segundo o nosso informador, já citado, no transito d'esta procissão pela praia vêem-se os barcos na maior parte enfeitados com bandeiras e lenços de variadas côres; e, quando passa a imagem de Nossa Senhora, os pescadores lançam de dentro d'elles foguetes de muitas respostas, e em alguns tambem ardem rodas de fogo, que parece formarem na atmosphera um circulo de estrellinhas.

Ha annos em que é tal a quantidade dos foguetes por occasião da festa de 15 de agosto, que o continuado estallido das bombas de artificio se nos figura uma prolongada batalha; porém isto se presenceia com o mais notavel enthusiasmo nas epochas em que a pescaria foi abundantissima. Os pobres pescadores julgam assim patentear á Senhora a sua gratidão pelos beneficios recebidos.

Se, pelo contrario, a pescaria escasseou, o numero de foguetes tambem diminuiu consideravelmente; o que prova então o desgosto dos pescadores porque o Oceano não os favoreceu, ou porque o mau tempo afastou o peixe d'aquella costa. BRITO ARANHA.

ALBERTO DURER

O nome do inventor da gravura a *claro escuro* e a *agua forte* adquiriu tão merecida celebridade, que mal póde julgar-se ignorado ainda dos que apenas possuem noções rudimentares da historia das artes. Como, porém, entre as diversas classes de leitores a quem se destina este semanario acaso haverá alguns menos familiarisados com taes noticias, releve-se-nos que em graça d'estes, e para aguçar-lhes a curiosidade, compendiémos aqui, em mais que abbreviada narrativa, uma pequena parte do muito que corre impresso ácerca da vida e feitos do famoso artista, que reune áquella qualidade a de primeiro fundador da eschola de pintura, propria ou impropriamente denominada *allemã*. Distingue-se esta por seus caracteres especiaes da flamenga, á qual dão por primeiro mestre João Van-Eyck, ou João de Bruges, nascido no seculo XIII [1].

É Nuremberg uma das antigas cidades livres da Allemanha, de cujas prerogativas já gozava em 1112, e actualmente encorporada no reino da Baviera pela paz de Presburgo em 1805: notavel por seus edificios e antiguidades, e pelas recordações historicas que a ennobrecem e illustram sob todos os aspectos. Emporio commercial da Europa durante os seculos XIV e XV, tornou-se não menos celebre por sua industria, pela invenção das cartas de jogar, dos relogios e da gravura em madeira. Patria de varios homens insignes, e servindo por vezes de corte aos imperadores germanicos, foi ella a primeira que perfilhára a reforma de Luthero, e n'ella se assignou em 1532, sob os auspicios de Carlos V, o tratado definitivo de paz e reciproca tolerancia entre catholicos e protestantes.

Foi n'esta cidade que Alberto Durer viu a luz, aos 20 de maio de 1471. Filho de um ourives hungaro, e destinado a exercer a mesma profissão, mostrou por seus progressos nas artes do desenho e gravura, que a indole do seu talento e propensão natural o chamavam a campo diverso. Applicou-se á pintura, e conseguiu em breve sobreexceder a seu mestre, Miguel Vohlgenuet, tido n'aquelle tempo pelo melhor pintor de Nuremberg. Percorreu depois durante dois annos (1492-1494) uma parte da Allemanha, com o fim de ampliar os seus conhecimentos, e á volta desposou-se, por aprazer a seu pae, com a filha de um habil machinista, de quem recebeu, juntamente com o dote de duzentos florins, o desassocego e tormento, que lhe angustiaram a vida. Sua mulher, de genio impertinente, rispido e caprichoso, não lhe consentia um só instante de repoiso; forçava-o a desviar-se de todo o trato e convivencia social, e a manejar de dia e noite a palheta e o buril, pretextando que não queria ficar por sua morte reduzida á miseria!

Supportava o paciente artista com resignação estes desconcertos, procurando no estudo e no trabalho os meios de poupar-se a maiores contrariedades. Tendo já produzido varias obras dignas de estima, obteve em 1505 de um seu patricio, Willibald Pirckeimer, recursos sufficientes para emprehender uma viagem a Veneza. Ahi executou alguns quadros, que mereceram geral applauso, e lhe firmaram a reputação de grande pintor. Transferiu-se depois a Bolonha, com intento de aperfeiçoar-se na perspectiva, e regressou á patria em 1507.

Conhecido e avaliado pelo que era, a despeito das perseguições dos invejosos, que nunca faltam ao verdadeiro merito, proseguiu Alberto Durer na sua carreira artistica, patenteando cada dia novos primores, e estabelecendo a sua gloria sobre bases immorredoiras. A posse dos seus quadros e gravuras era disputada com ardor, e as maiores personagens do tempo corriam á porfia a fazer-se retratar pelo grande pintor, que parecia ter, sobre todos, para este genero propensão especial. O imperador Maximiliano, enthusiastico admirador do seu talento, condecorou-o com o titulo de primeiro pintor da corte imperial; e Carlos V não só lhe confirmou esta mercê, mas elevou-o á nobreza, concedendo-lhe brazão d'armas adequado á sua profissão.

[1] Duas são as accepções em que na technologia pictorica usa tomar-se o termo *eschola*. Ora se emprega para designar collectivamente todos os alumnos que, recebendo lições e seguindo nos seus quadros a maneira de um mesmo mestre, chegaram elles proprios a distinguir-se na arte, ora serve para reunir sob uma mesma denominação todos os artistas oriundos de um determinado paiz. Tomada n'este segundo ponto de vista, a chamada *eschola allemã*, cuja fundação se attribue a Alberto Durer e João Holbeim, conta na serie dos seus alumnos mais ou menos distinctos Christovão Swartz, João Van-Achen, João Rottenhamer, Adão Delzheimer, Joaquim Sandrart, João Guilherme Bauer, João Van-Rockhorst, Govaert Flinck, João Spilberg, João Lingerac, João Henrique Roos, Abrahão Mignon, Gaspar Netscher, Godofredo Kneller, Gregorio Bradmullor, Jorge Filippe Rugendas, João Rodolpho Hubert, João Grimoux, Balthasar Denner, Francisco Paulo Ferg, Antonio Raphael Mengs, etc., etc.

Porém todas estas compensações não bastavam para adoçar-lhe os desgostos domesticos causados pela mulher, que o mortificava e affligia de contínuo com suas desarrazoadas exigencias.

Além de distinguir-se como pintor e gravador, Alberto Durer era tambem mathematico e engenheiro, grammatico e architecto. Elle foi que ensinou aos seus compatriotas as regras da perspectiva e das proporções nas artes, de que publicou varios tratados, e bem assim outro que versa sobre a fortificação das praças de guerra.

No meio dos seus trabalhos veiu colhel-o a morte, aos 6 de abril de 1528, contando então de edade 57 annos. O seu cadaver foi sepultado com grandes honras funebres no cemiterio de S. João, e ahi se lê ainda o seguinte epitaphio: *Quicquid Albert Dureri mortale fuit sub hoc conditur tumulo.*

A casa onde viveu conserva-se de pé em Nuremberg; e na praça a que deram o seu nome os seus compatriotas lhe levantaram modernamente uma estatua em bronze, executada pelo esculptor Burgschmidt, concluindo-se este monumento em 1840.

O numero das producções de Alberto Durer é immenso, e, por pouco que tentassemos descrever, ao menos as principaes em cada especie, teriamos de exceder em muito os estreitos limites que nos são impostos. Os que pretenderem haver miudas noticias d'este grande artista, e estudar a fundo o caracter das suas composições, poderão consultar com fructo: *Das Leben und die Werke Albr. Durers*, por J. Heller; *Le Peintre-graveur*, por Bartsch; *Allg. encyclopædia*, por Ersch & Gruber; *Études sur l'Allemagne*, por Michielis; *Nouvelle biographie générale*, publicada por Firmin-Didot frères; e quanto á parte bibliographica offerece amplos esclarecimentos o *Manuel du libraire*, por Brunet, tomo II, col. 909 a 915 da quinta edição (1861).

Tambem no *Panorama*, vol. III da 5.ª serie (1868), saíu ha pouco reproduzido um retrato de Alberto Durer, acompanhado de alguns traços caracteristicos para a sua biographia.



A ceia — Cópia de uma gravura de Alberto Durer

Da estampa que nos serviu de thema obrigado para o presente artigo, apenas sabemos ser cópia fiel de uma excellente gravura do insigne artista, por elle executada em 1523, como se vê do seu proprio monogramma, existente na parte inferior d'ella. Consta que o sr. Leipold, actualmente mestre da officina de gravura na imprensa nacional de Lisboa, na sua ultima excursão á Allemanha, em 1868, encontrára ahi um exemplar, que fez reproduzir em madeira por meio da photographia. E é essa cópia que em Lisboa foi agora aberta pelo sr. Rapley, aproveitado discipulo do sobredito, com pericia tanto mais de admirar, quanto é certo ser este o primeiro ensaio que executa n'esta especie de trabalho. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O GENRO DO REI

(Vid. pag. 346)

III

Decorrido algum tempo, o rei voltou á côrte mais queimado que um cigano, porque andára de uma parte para a outra, e não encontrára mina alguma de oiro nem de prata; e quando soube que, longe de estar enterrado, o rapaz estava casado com sua filha, tornou-se como uma bicha, e declarou que havia de mandar matar a rainha porque não fizera o que elle ordenára; porém a rainha desculpou-se mostrando-lhe a carta que o rapaz lhe entregára.

Convenceu-se o rei de que a rainha não era culpada, porque a carta fôra falsificada com tal habilidade, que elle proprio custava a convencer-se de que aquella letra não era sua; mas, chamando o genro, perguntou-lhe quem tinha falsificado a carta.

— Senhor, respondeu o mancebo, não sei dizer-lh'o com certeza, mas devem ter sido uns salteadores, em cuja habitação passei a noite quando vinha para a côrte.

Ouvindo isto, o rei suspeitou, com razão, que andava no caso o bandido a quem perseguia por falsificador de notas do banco, e só pensou em desfazer-se do genro de um modo indirecto.

— Eu, disse o rei ao mancebo, podia mandar-te enforcar, porque não sou d'aquelles reis que reinam e não governam. Faria até enforcar o imperador da China se se me mettesse isso em cabeça; mas, para que não entrem agora a murmurar de mim, perdôo-te a vida, e só te exijo uma coisa para approvar o teu casamento com a minha filha e nomear-te meu successor. O que exijo de ti é que me apresentes tres cabellos do diabo; e olha não me tragas cabellos de qualquer tunante, porque hei de conhecel-os pelo cheiro de enxofre e pela côr *rubicundus Judas*.

O principe (pois que d'aqui por diante ha que cha-

mar principe ao pequeno moleiro) estava que se podia enforcar com um cabello com a exigencia de trazer tres do diabo, e aconselhou-se com o primeiro ministro de seu sogro, que era um velho a quem alcunhavam o *Sabe-tudo*, porque tudo sabia, e que se lhe mostrára muito dedicado e lisonjeiro, contando que o mancebo cingiria a coroa. *Sabe-tudo* disse-lhe pois:

— O assumpto é gravissimo; porém não se enfade com isso vossa alteza, que tudo se comporá se a roda não desandar. Diga vossa alteza em todas as partes que tudo sabe, e isto bastará para que vossa alteza consiga tudo como eu tenho conseguido. Fiquei orphão de pae e mãe aos doze annos, e resolvi andar pelo mundo á procura de uma posição. Uma velha, que fôra governante de um homem que chegára a ser director de instrucção publica só por dizer que sabia tudo, disse-me quando parti: «Meu filho, tu não sabes nada, mas vou-te descobrir um segredo, com o qual conseguirás tudo: é dizeres sempre que sabes tudo.» Na primeira povoação onde cheguei havia um cavalleiro que necessitava de um criado, e logo me apresentei a elle para lhe pedir que me deixasse entrar no seu serviço. «Que sabes tu?» me perguntou o dito sujeito; e eu respondi-lhe sem demora que sabia tudo. Com a confiança que meu amo tinha de que eu sabia tudo, e com o que fui aprendendo, obrigado pela necessidade, consegui agradar a meu amo, que por fim me recommendou para que me dessem um logar de amanuense nas repartições do estado, onde, dizendo que sabia tudo, cheguei a director geral. Ouvindo o rei dizer que eu sabia tudo, chamou-me um dia á sua presença e perguntou-me se era certo o que se dizia de mim. «Sim, senhor, eu sei tudo.» E immediatamente me confiou uma pasta de ministro, que é um penoso encargo. Não esqueça, portanto, vossa alteza a lição, e verá que consegue tudo quanto lhe vier á cabeça.

O principe poz-se a caminho para o inferno, resolvido a fazer a viagem no menor tempo possivel, porque a constituição prohibia ao rei permanecer fóra do reino mais que um anno, e aos principes mais que dois, sob pena de perderem, o rei a coroa, e os principes todos os seus direitos a herdal-a.

D'este modo, quando o principe foi despedir-se da infanta sua mulher, não se esqueceram de dizer-lhe: «Cuidado, não cáias em alguma rede que te arme alguma feiticeira» e o mais que é do uso em casos taes.

IV

Caminhando, caminhando, caminhando, o principe encontrou-se com uma quadrilha de salteadores que assassinariam o proprio Christo se lhes apparecesse, e que, assim que o viram, se dispozeram a fazer-lhe outro tanto.

— Aonde vae? perguntou-lhe o capitão da quadrilha, em quanto preparava a espingarda para lhe espedaçar o craneo.

— Para o inferno, respondeu o principe, que era incapaz de mentir a pessoa alguma.

O capitão, ouvindo esta resposta, descançou a espingarda e abraçou o mancebo, exclamando:

— Salvou-o essa atrevida resposta, porque nos agradam os homens valentes que, como vossê, fallam alto ainda que tenham a morte á vista.

O principe continuou o seu caminho, e andando, andando, chegou a uma cidade onde só ouviu prantos e preces. Não perguntou a ninguem o que se passava, pois, se o perguntasse, teria confessado que não sabia tudo; mas inteirou-se de tudo pelas conversações do povo. Havia na cidade uma fonte prodigiosa que servia para curar todas as enfermidades dos que lhe bebessem as aguas; e por esta razão a cidade estava cheia de forasteiros que iam bebel-as, e em troca da saude que recuperavam deixavam alli bons reaes; mas havia oito dias que a fonte deixára de correr, e, embora se offerecesse um burro carregado de oiro ao que conseguisse alimental-a, ninguem o conseguíra, nem restavam esperanças de que o conseguisse. Naturalmente, a qualquer viajante que chegava á cidade se lhe perguntava o que é que sabia, para ver se entre elles algum saberia da sciencia. Fez-se tambem ao principe tal pergunta, e elle respondeu que sabia tudo; mas, quando lhe perguntaram por que a fonte seccára, respondeu que ia com muita pressa, e ao regressar alli daria a desejada resposta e receberia o burro carregado de oiro.

Os habitantes da cidade ficaram muito consolados com a esperança que lhes deu o principe, e este seguiu o seu caminho.

Andando, andando, chegou a outra cidade, onde tambem eram tudo prantos e preces, porque havia n'aquella cidade uma gigantesca macieira, cujas maçãs eram tão prodigiosamente ricas de odor, côr e sabor, que iam de todos os reinos estrangeiros compral-as e pagal-as a peso de oiro para a mesa dos reis; e a macieira, cujo fructo enriquecia a cidade, ia-se seccando sem que lhe encontrassem remedio, por mais que a cidade offerecesse um burro carregado de oiro ao que acertasse em remediar aquella calamidade publica.

Alli, como na primeira cidade, perguntava-se aos viajantes que era o que sabiam, para ver se se dava com algum que soubesse de arboricultura, e egualmente se dirigiram ao principe. Respondeu este que sabia tudo, mas, como ia com muita pressa, adiava para a volta curar a macieira e guardar o burro carregado de oiro que se lhe promettia.

Continuou o principe o seu caminho, deixando tambem cheios de esperança e consolação os habitantes da segunda cidade; e andando, andando, chegou a uma estalagem que estava antes de passar um rio, e ahi pernoitou. Quando já se tinha deitado, chegaram á estalagem dois lavradores que traziam um burro carregado de pedaços de oiro, e ahi tambem pernoitaram. Aquelles lavradores estavam muito satisfeitos e alegres, porque tinham descoberto uma mina de oiro tão rica, que, empregando na sua exploração o pouco que sabiam de mineração, tinham tirado o oiro sufficiente para carregar o burrinho.

Naturalmente, elles guardaram-se bem de dizer a pessoa alguma o que tinham descoberto; mas, ouvindo ao estalajadeiro que estava na estalagem um viajante que era um poço de sabedoria, e vendo limitado o seu prazer, pela difficuldade de encontrar quem dirigisse a exploração da mina, occorreu-lhes que talvez achassem n'aquelle sabio o de que elles careciam, e determinaram apalpal-o de manhã, para ver se o sabio entendia de minas.

De manhã, com effeito, chamaram de parte o principe e perguntaram-lhe o que sabia.

— Sei tudo, respondeu-lhes o principe.

Julgaram os pobres lavradores que com isto queria dizer-lhes que sabia já o descobrimento que elles tinham feito, e olharam-se como se quizessem dizer um para o outro: — Que tal, amigo! Este ganhou-nos o jogo, e por isso é inutil andar com arcas encoiradas. Fallemos-lhe com franqueza, para ver se se quer encarregar de dirigir a exploração da mina; e, se não quizer, tapemos-lhe a boca, por assim dizer, com todo o oiro que trazemos no burrico, que não nos faltará oiro em quanto conservarmos o segredo da mina.

— Visto que o senhor sabe tudo, disseram ao principe, fallemos com franqueza. Quer encarregar-se de dirigir a exploração da mina que descobrimos?

— Não posso, respondeu o principe, porque vou com muita pressa.

— Aonde vae pois?

— Para o inferno.

Ouvindo isto, os lavradores acreditaram que aquelle sabio tinha maus figados, e só lhes occorreu taparem a boca ao endemoninhado para que não lhes divulgasse o segredo. Offereceram-lhe, portanto, o burro carregado de oiro se jurasse não dizer nada ácerca do descobrimento da mina. O principe jurou-o, e pouco depois continuou o seu caminho, deixando na estalagem o burro para o levar quando tornasse a passar por alli, e dizendo para com os botões:

— Onde estará a tal mina que estes pobres homens descobriram? Se eu podesse adivinhal-o, levaria uma grande novidade ao senhor meu sogro.

Andando, andando, chegou á margem do rio, que se passava em uma barca. Dava-se no barqueiro uma circumstancia muito singular. Contava já sessenta annos, e desde a edade de doze exercia alli a sua profissão sem encontrar quem o substituisse, o que cada vez mais desejava. Quando era muito moço, sua mãe, que era uma santa mulher, via com pezar que elle passava a maior parte dos dias nas tavernas, e receiava que n'ellas perdesse o corpo e a alma. Para que se desviasse de tão mau caminho, pediu a Deus uma graça, e dizem que Deus lh'a concedeu em attenção á santidade do viver d'aquella boa mulher, e foi que seu filho não podesse sair da barca em quanto não entrasse n'ella alguem que tivesse dirigido uma embarcação peior do que elle dirigia a sua. O barqueiro, assim que entrava um homem na barca, davalhe um remo para sair d'ella; mas havia mais de quarenta annos que fazia com todos esta experiencia, e baldadamente. Tão inhabil seria o barqueiro!

Estimulava-o a curiosidade de saber se estava destinado a acabar alli a vida, ou se encontraria a final quem o substituisse; e perguntou ao principe, como a todos, se sabia tiral-o d'aquella dúvida.

— Sei tudo, respondeu o principe, porém fallaremos quando voltar, porque vou agora com pressa.

— Então aonde vae tão apressado?

— Para o inferno.

O barqueiro não se atreveu a fazer outras perguntas ao que tão desabridamente lhe respondia, e o principe continuou o seu caminho.

(Continúa)

CIDADE DE LAMEGO

(Vid. pag. 353)

Entrado D. Henrique de Borgonha na posse do condado de Portugal, pelo seu casamento com D. Theresa, filha de D. Affonso VI, rei de Castella, tratou sem descanço de accrescentar novos territorios ao pequeno estado que constituia o dote de sua esposa. N'esse empenho de alargar as fronteiras do seu condado e de combater os inimigos irreconciliaveis da fé christã, foi sobre a cidade de Lamego, correndo o anno de 1102. Defenderam-se os moiros valorosamente, mas, não obstante o seu esforço, a cidade foi tomada pelos portuguezes.

Por esta occasião deu o conde D. Henrique um notavel exemplo de generosidade e abnegação. Tendo o régulo moiro, por nome Eicha, solicitado e recebido a graça do baptismo, o vencedor deixou-o na posse pacifica dos seus dominios, contentando-se em o fazer seu tributario.

Passados annos, D. Affonso Henriques, mais ambicioso que seu pae, ou porque o régulo de Lamego se negasse ao cumprimento das condições com que lhe foram concedidas, depois da victoria das armas christãs, a liberdade, a paz e a coroa, conquistou a cidade de Lamego e mais territorios que formavam os estados de Eicha Martim.

Aquella cidade ficou pertencendo desde então a Portugal, mas o facho da guerra ainda continuou, em diversos tempos, a devastar os campos em derredor e a passar sobre seus muros. Assim foi por vezes destruida e despovoada, e outras tantas de novo reedificada e povoada.

Depois de resgatado completamente do poder dos sarracenos o reino de Portugal, Lamego começou a florecer por impulso da industria, sem embargo de não desfructar uma posição vantajosa para o commercio. Algumas fabricas de diversos tecidos, e uma grande feira annual, á qual concorriam muitos moiros de Granada com fazendas e especiarias do Oriente, de que se abastecia a maior parte do reino, faziam de Lamego uma cidade prospera e importante no decurso dos seculos XIV e XV.

Dois grandes successos para Hespanha e Portugal, occorridos no fim do seculo XV, fizeram desapparecer rapidamente toda aquella prosperidade, como fumo levado do vento. A conquista de Granada e expulsão dos moiros de Hespanha pelos reis catholicos Isabel e Fernando, e a descoberta da carreira da India por Vasco da Gama, acabaram com aquella grande feira, que fizera de Lamego um pequeno emporio commercial. A extincção do seu commercio operou a decadencia da sua industria fabril. A introducção de fazendas francezas e inglezas no reino, que principiou a avultar na segunda metade do seculo XVI, apressou a ruina das fabricas de Lamego.

Sobrevindo a tão grandes revezes os sessenta annos do jugo de Castella, e quasi vinte e oito da guerra da restauração da nossa independencia, aquella cidade conservou-se abatida e decadente em todo este longo espaço de tempo. Mal começava a gozar os beneficios da paz, que, apesar de quaesquer causas de decadencia, sempre fazem sentir, ao cabo de uma lucta porfiosa, a sua benefica influencia, rebentou a guerra da successão ao throno de Hespanha, chamada dos sete annos, em que Portugal se envolveu, e da qual foi por vezes theatro a provincia da Beira. Esta guerra, que promettia a este reino grandes vantagens, segundo os tratados celebrados, entre outras a annexação da Galliza, se porventura saísse d'ella victorioso, juntamente com os seus alliados, foi muito désastrosa para o nosso paiz em geral, e particularmente para as terras que, mais ou menos directamente, foram incommodadas com as invasões do inimigo ou com a passagem das tropas alliadas.

As riquezas que o Brasil entornou sobre Portugal em oiro e diamantes, durante o reinado del-rei D. João V, não foram todas transformadas, como muita gente crê, nos paços de Mafra, em fundações religiosas e em bullas pontificias. Uma parte d'ellas, e muito importante, foi empregada utilmente na construcção de estradas, na abertura de canaes, na dissecação de pantanos, na fundação de fabricas e em outras obras de utilidade publica, como temos dito em outros logares, e com as quaes teve incremento o commercio em todo o paiz, animando-se ao mesmo tempo os outros ramos da industria.

N'este periodo a cidade de Lamego ergueu-se um pouco da prostração em que jazia. Mas no reinado seguinte ainda o seu estado melhorou muito, por effeito de disposições legislativas que promoveram directamente os seus interesses. Referimo-nos á protecção dada por el-rei D. José I, aconselhado pelo seu illustrado ministro, á agricultura e commercio dos vinhos do Alto Douro. A prosperidade d'estas industrias reflectiu-se na cidade de Lamego, pois que muitas das principaes familias são grandes proprietarias de vinhas no Alto Douro; e muitas ha na cidade e suas visinhanças que tem essas propriedades por seu unico ou quasi unico patrimonio.

Infelizmente, não foi de longa duração este estado de florescencia. As invasões estrangeiras que assolaram o paiz no principio d'este seculo, e as deploraveis consequencias d'essa tremenda guerra; os trinta

annos de luctas civis, que tanto nos custou o triumpho e consolidação da liberdade; e, finalmente, a decadencia d'aquelle importante ramo da nossa industria agricola, devida a diversas causas, sendo a ultima e mais destruidora a molestia das vinhas; toda esta serie de desastres actuou maleficamente sobre Lamego. Todavia, os effeitos d'estas calamidades foram de algum modo neutralisados pela libertação da terra, e por outras medidas e melhoramentos, que pozeram a industria em geral do paiz em melhores condições de existencia.

El-rei D. João I deu foral a Lamego com muitos privilegios e isenções.

No antigo regimen gozava esta cidade da prerogativa de se fazer representar em cortes por procuradores, que tomavam assento no segundo banco.

Tem por brazão d'armas um escudo coroado, e no centro d'elle, em campo azul, um castello de prata com tres torres sobre campo negro. Ao lado do castello vê-se uma arvore com fructos, a qual dizem chamar-se *lameyueiro*, e por cima do castello e da arvore estão o sol, de oiro, e a lua, de prata.

É assim composto o brazão que existe pintado em um livro das armas das cidades e villas do reino, que se guarda na Torre do Tombo. Todavia, alguns auctores descrevem-n'o pondo uma estrella onde n'aquelle se vê a lua, e collocando o escudo das quinas reaes por cima da fortaleza.

A cidade de Lamego divide-se em tres bairros, denominados *da Praça*, *do Couto da Sé* e *do Castello*. O primeiro é o principal e mais plano. Comprehende uma praça e uma rua, extensa e larga, com suas travéssas. O segundo, tambem com a sua praça, e adornado com os dois bons edificios da sé e do paço episcopal, está situado entre as duas ribeiras, Balsemão e Fafel, de modo que fica uma como peninsula. O terceiro bairro estende-se entre os dois acima referidos. Compõe-se de diversas ruas estreitas e tortuosas, correndo por um terreno um pouco elevado, na parte mais alta do qual avulta o antigo castello de Lamego.

A sé e a collegiada de Santa Maria de Almacave são as duas unicas parochias da cidade.

É a cathedral um monumento gothico muito apreciavel pela sua antiguidade. A fachada, toda de cantaria, é composta de tres corpos, sendo o do centro mais elevado, e correspondendo cada um a uma das tres naves em que se divide o interior da egreja. N'aquelles corpos abrem-se tres portaes, o do corpo central mais largo, e todos formados por varios arcos de ponto subido, ou ogivaes, que vão diminuindo na grossura da parede. Sobre o portal do meio está um oculo singelamente decorado, mas de feitio singular. Por cima das portas dos dois corpos lateraes vê-se uma janella de cada lado, com sua columna no meio. A parte superior do edificio é coroada por seis pyramides, duas em cada um dos tres corpos da frontaria. A par d'esta ergue-se a maior altura que o templo a torre dos sinos, tambem de cantaria, sem ornato algum.

No interior da egreja reina a mesma simplicidade que se observa no exterior. É dedicada, como todas as cathedraes do reino, a Nossa Senhora da Assumpção.

Acham-se n'esta egreja varias sepulturas de bastante antiguidade, encerrando as cinzas de pessoas notaveis. Na capella do Santissimo Sacramento da lado da epistola, está mettido na parede o sepulchro de D. Guiomar de Berredo, neta del-rei D. Affonso III. O epitaphio diz ser neta de D. Affonso IV; mas é erro comprovado por documentos que se guardam no archivo da mesma sé. Junto áquella capella está outra que tem o escudo d'armas da familia Balsemão. Foi fundada para jazigo dos fidalgos d'esta familia por Alvaro Pinto da Fonseca, morgado de Balsemão, que n'ella jaz em rico mausoléo.

A sacristia encerrava outr'ora um rico thesouro de reliquias santas, de pratas e paramentos. Tudo, porém, foi destruido por um incendio, vae para dois seculos, o qual reduziu a cinzas aquella casa.

Diz-se geralmente que foi o conde D. Heenrique o fundador d'este templo, no começo do seculo XII. Quem meditar no procedimento d'este principe, após a victoria que entregou a cidade de Lamego em seu poder, duvidará crer que alli fundasse nova cathedral, tendo mandado purificar e converter ao culto catholico a mesquita principal, com a invocação de Santa Maria de Almacave, e depois deixado ao régulo Eicha a posse pacifica da cidade e dos seus estados. Além d'isso, oppõe-se outra razão mais forte a que se lhe attribua similhante fundação. O uso da ogiva, ou arcos de ponto subido, introduziu-se em Portugal nos fins do governo da rainha D. Theresa, viuva do conde D. Henrique, ou nos primeiros annos em que seu filho, D. Affonso Henriques, entrou a governar. Os edificios que ainda existem no paiz do tempo do conde D. Henrique, isto é, aquelles que se sabe com certeza terem sido por elle edificados, tem as portas e janellas de volta redonda.

Por estas razões inclinâmo-nos mais a crer que foi D. Affonso Henriques o fundador da actual sé de Lamego. Porém da fabrica do nosso primeiro rei pouco resta, porque o bispo D. Manuel de Noronha, que principiou a governar em 1540 e falleceu em 1569, procedeu a uma reconstrucção quasi completa d'esta cathedral. Se a fachada é toda obra sua, como achâmos referido em um auctor antigo, tiveram o prelado e o architecto o bom juizo de conservar ao monumento affonsino as suas feições primitivas, ou de lhe dar as que mais quadravam ao estado da architectura e á simplicidade de costumes d'aquelle tempo.

É, portanto, este templo um monumento muito apreciavel para o estudo da architectura, porque, se a parte principal d'elle não é obra do nosso primeiro rei, mas sim do bispo reedificador, é certo que, pelo discernimento com que foram dirigidos os trabalhos de reedificação, o edificio, salvas pequenas considerações, póde passar como um specimen architectonico do principio da monarchia.

A diocese de Lamego foi instituida no anno de 203. N'essa epocha foi suffraganea da diocese de Merida. Passou a sel-o da de Braga, depois da de Compostella, e ultimamente da de Lisboa. Conta em a numerosa serie dos seus preladas muitos bispos, celebrados por suas virtudes e letras. Entre elles, porém, houve um, chamado D. João Madureira Camelo da Silva, que, tendo deslustrado o seu caracter com muitos excessos e escandalos, acabou a vida arrependido e penitente, por effeito de umas palavras de censura, que o tocaram e converteram.

Conta-se assim o caso. Achando-se el-rei D. João II muito mal na villa de Alvor, sem esperanças de vida, mandou chamar o bispo D. João da Silva. Chegado o prelado á cabeceira do monarcha, disse-lhe este que um arrependimento pesava sobre a sua consciencia n'aquelle transe derradeiro, e era tel-o nomeado para uma dignidade que elle deshonrava com o seu procedimento. Produziram tão forte impressão no animo do bispo estas poucas palavras, proferidas com accento grave e triste pelo rei moribundo, que D. João da Silva, apertando com enternecimento a mão do soberano, prometteu-lhe emendar-se, e cumpriu a promessa. D'ahi por diante procedeu D. João da Silva como prelado virtuoso, e, para memoria do caso a que devia a sua conversão, dizem que mandára tirar o escudo de suas armas, que se achava sobre o retabulo da capella-mór da sé, que era de talha doirada, e obra sua, ordenando que se pozesse em seu logar uma cruz com as insignias episcopaes, e por baixo duas mãos travadas uma da outra.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.